



Modalidade do trabalho: Relato de experiência  
Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

## INTEGRAÇÃO DO DEFICIENTE AUDITIVO NO ENSINO APRENDIZAGEM DA DANÇA: DO LIMITE – LIMITANTE AO LIMITE – FUNDADOR<sup>1</sup>

Lisiane Goettems<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Reflexão proveniente da experiência desenvolvida em aulas de graduação no curso de Educação Física, na UNIJUI, no componente curricular Expressão Corporal: dança.

<sup>2</sup> Mestre em Educação nas Ciências, pela UNIJUI. Docente do Departamento de Humanidades da UNIJUI, nos cursos de Educação Física e Pedagogia, Membro do Grupo de Pesquisa Paidotribus e Diretora do Centro de Educação Básica Francisco de Assis- EFA, lisiane@unijui.edu.br

**RESUMO:** Busca destacar os estudos que abordam a dança contextualizada, a musicalidade e a expressão no processo de formação profissional em Educação Física, destacando a convivência entre ouvintes e não ouvintes que aprendem em ambiente semelhante, com recursos de descobertas diferentes, como resultado a investigação envolvendo 23 participantes, com base em um mesmo roteiro de construção coreográfica, resolvido de diferentes maneiras. Percorre metodologia da pesquisa-ação, focada em 18 aulas realizadas no curso de graduação de Educação Física, na UNIJUI, no componente curricular Expressão Corporal: dança. Conclui-se que por considerar o contexto do aluno como centralidade do processo de construção da dança, foi possível gerar escolhas de temas e respostas motoras diferentes, com significados singulares a cada envolvido.

**PALAVRAS- CHAVE:** deficiência auditiva, contexto e aprendizagens

A educação é do tamanho da vida, pois sempre é tempo de aprender e, portanto, a educação é inusitada em muitos momentos, fértil a cada passo, possível de entrelaçamentos com o porvir, que proporciona contato e encontro com cenas/atores que não temos total controle e com os quais podemos instigar e ser instigados a aprender de modos curiosos e intensos, quando se permite assim fazê-lo. Com estas prerrogativas iniciou o semestre de 2013, na UNIJUI, no curso de graduação em Educação Física, no componente curricular expressão corporal: dança, destinado ao bacharelado e a licenciatura. O cenário identificando intenções, com atores sociais diversos que precisam lentamente tornar-se grupo, formando identidades e valorização das histórias de cada sujeito, influenciaram o aprender com significados. Este cenário, um tanto previsível (assim que, geralmente, tendemos a interpretar) trouxe, na quarta semana de aula, dois novos integrantes para o grupo: um aluno matriculado, com sua história de deficiência auditiva e sua intérprete. Nenhuma chegada ao grupo acontece despercebida e, portanto, fez-se necessário atentar para a convivência e aprendizagens entre todos, com o cuidado de que para continuar tecendo caminhos o estranhamento podia ser o gerador de perguntas e buscas, mas não o engessamento frente ao desconhecido.

A compreensão da dança defendida por Isabel A. Marques (1999 e 2003), foi o que demarcou o início de nossos estudos do semestre e é neste enfoque que seguirá o presente percurso. Neste estudo, a importância de começar compreendendo que o sujeito dançante, ou seja, cada envolvido é muito importante, traz histórias, faz histórias, tem limitações, curiosidades, desejos e seus gestos





**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XVIII Jornada de Pesquisa

podem somar-se a outros gestos que serão entendidos dentro de temáticas: sociais, políticas, culturais, artísticas, cênicas, expressivas, em uma escrita corporal que vai sendo traçada com a mediação do professor e a co-decisão do aluno. Neste último, a perspectiva de que o aluno não decide sozinho, não faz o que quer aleatoriamente nos estudos da dança. Pode opinar, questionar, duvidar, desistir, experimentar cada movimento e cena proposta em aula.

Na dança, além de partir do contexto do aluno- parte fundante do porvir dançante ocorre a denúncia das neutralidades para valorizar singularidades, resgatando expressões individuais de cada participante, que pode colocar em cena a realidade de cada corpo pulsante, que não precisa repetir passos soltos, mas pode criar gestos ricos em linguagens. Soma-se a este enfoque a exploração do texto, contexto da própria dança e sub-texto, cada qual novamente subdividido, dando caminhos vivos ao que será aprendido/criado.

No enfoque do texto estuda-se a improvisação que veicula as experiências armazenadas com a necessidade de transformar a gama de fatos/gestos conhecidos a outros desconhecidos. Perpassa ainda pelo entendimento da composição e do repertório, que via metodologia da problematização gera debates, curiosidades que propiciam escritas corporais, ou seja, danças que fazem percursos de formação reflexiva. Já no contexto da dança a busca em compreender a história de uma determinada música, a interpretação do tempo a que pertence a temática, o conhecimento de si em relação a escolha, os tipos de movimentações/figuras possíveis. Por fim no sub- texto o estudo de como explorar os movimentos de acordo com o espaço, ritmo, sentidos, dinâmicas, planos e trajetórias.

A compreensão de cada recorte da dança evidenciou tempo em aulas para teoria, prática, pergunta, busca e pesquisa. Foram muitos estudos até chegar ao desafio de construir uma coreografia seguindo roteiro que contemplasse exigências mínimas, sem desmerecer opiniões, conhecimento e a experiência de mundo dos envolvidos. Em pequenos grupos, em duplas ou individualmente as cenas foram tomando caminhos. Bem e mal, aderência a atividade física, jogo de futebol, batalhas em prol da segurança e viagem, foram alguns dos temas que seguiram buscas dos 23 alunos matriculados. Uma das opções temáticas coreografadas por um aluno não ouvinte, tecerei passo a passo, no intuito de esclarecer que o limite limitante pode ser superado quando se enxerga o sujeito no seu limite fundador.

A dimensão limite, no dicionário da Língua Portuguesa (2009) cita “Linha real ou imaginária que separa dois terrenos ou territórios contíguos, baliza, divisa, parte ou ponto extremo, fim, fronteira, ponto que não se deve ou não se pode ultrapassar”. Assim, o limite limitante baseia-se em fronteiras, em propósitos que não aceitam mudar, mesmo quando ainda seria possível. Já o limite fundador, defendido por Denise Najmanovich (2002) compreende os limites longe da rigidez, não valoriza o universo do “claro e do distinto”, reconhece as interfaces e as possibilidades mediadoras, permeáveis, interconectadas com o mundo, não conjugando a ideia “para sempre” e homogêneo, ligada com o aprender que valoriza a trama da vida, atravessada ao meio socio-histórico-cultural.

No limite fundador, no desafio e no roteiro traçamos a conexão com o sujeito pensante que apesar de não ter o acesso ao ouvir que todos os demais da turma tinham, podia sentir e aguçado com os demais sentidos (tato, olfato, visão, gustação) podia/pode fazer-se presente como um aluno co-autor de sua própria história de aprendizagens. Assim, de posse do roteiro que os demais colegas também



# SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUÍ 2013  
Ciência • Saúde • Esporte



**Modalidade do trabalho:** Relato de experiência

**Evento:** XVIII Jornada de Pesquisa

possuíam foram sendo escolhidos os caminhos, instigados pela mediação da professora e da intérprete. Seguimos com a metodologia da problematização: qual o assunto que você gosta de conversar? Gostas de tecnologias? Quais? Seus amigos e você fazem o que juntos?

Os dados coletados indicaram que o tema futebol, para este estudante, seria de grande interesse e rico em experiências armazenadas. Para conhecer mais sobre o que ele já sabia, foi solicitado que escrevesse um texto sobre o assunto. O texto chegou em aula, foi explicado pelo autor/estudante e de sua trajetória inicial, trocamos ideias mexendo sem perder o foco, depois tentamos fazer do tema futebol a dança futebol. Começava ali a escrita corporal de uma partida inédita.

Logo em seguida, a transformação do texto escrito ao texto vivido, indicava a necessidade da interpretação. O ouvir ausente, não precisava desmerecer os demais sentidos, sobretudo os que advinham das experiências sensoriais motoras. Sem todos os recursos em sala de aula, para a dança com surdos, fomos adaptando caminhos permeados pela sensibilidade de que aprender é necessário, inclui o ser no mundo, dá condições de imaginar e interagir. Assim, sentir a música foi um dos passos escolhidos, tocar nas caixas de som e sentir a vibração que nela se geravam quando a música ficava em alto volume, quando o instrumento que compunha a música entrava e sai nas canções, foram os recursos testados e motivadores de parte do aprender. Junto veio à exploração das expressões, da comunicação que tinha algo a contar, também, ler a letra da música Partida de Futebol, do grupo Skank, foi importante.

O impacto de ser diferente e ao mesmo tempo de se fazer na diferença como alguém capaz e inserido em um grupo de pertença foi marcante para o grupo. Os saberes da professora foram mexidos e remexidos, revitalizando que a formação continuada realmente necessita ser companheira do educador. Pesquisar, fazer outras “teias” e ler a realidade deram condições de alcançar as aprendizagens do semestre que terminaram com o depoimento do aluno não ouvinte; “eu hoje amo a dança, pois eu sei sentir ela.”

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa., 2009.

MARQUES, Isabel A. Dançando na escola. São Paulo: Cortez, 2003

\_\_\_\_\_. Ensino da dança hoje: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 1999.

NADMANOVICH, Denise. Pensar/viver a corporalidade para além do dualismo. In: GARCIA, Regina L. (Org.) O corpo que fala dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 89-109.

